

Rubem Braga

ELEFANTES CEGONHAS BRASIL

DIZEM os livros antigos e os livros sôbre coisas antigas — como o de Jerôme Carcopino, da Academia Francesa — que a maior praga da lavoura de Rabat antigamente era... elefante. Havia hordas imensas de elefantes nas planuras do Bu Regreg. Um elefante, como se sabe, incomoda muita gente; centenas, milhares de elefantes invadiam as lavouras e aldeias e deviam incomodar demais. No tempo dos romanos êles começaram a ser caçados, e os homens mais ricos do lugar eram comerciantes de marfim.

Mas ninguém cuidou de proteger a mercadoria; hoje nem para remédio se encontra um elefantezinho entre o Mediterrâneo e o Saára... Por sinal agora eu me lembro de um professor de Português muito conhecido que havia em S. Paulo e que ensinava aos alunos a dizer Saará, com acento na última sílaba. O homem era português de nascença e seu argumento era impressionante: "lá, no deserto, se diz Saará". Até que eu acreditei, embora continuasse a dizer Saára, dizendo comigo mesmo que o português podia ter razão, mas no Brasil Saará é Saára, e acabou-se. Pois o português não tinha razão coisa alguma. A gente do deserto diz mesmo é Sahára, com um *h* aspirado, de maneira que, se a gente quisesse imitar a pronúncia dêles teria de escrever era Sarrara, já que não temos o *h* aspirado.

Aliás eu acho que é tempo de haver uma reunião de filólogos portugueses para assentar a grafia das palavras estrangeiras; quantas vezes não escrevemos à francesa uma palavra árabe ou russa, acumulando os vícios de duas traduções? E reivindicado, de saída, a grafia Rabate para

esta cidade, visto que os árabes pronunciam o *t* final; escrevendo Rabat, à francesa, a gente não pronuncia o *t*, e o resultado é que o nome da cidade facilita uma porção de trocadilhos de máu caráter, o que deprime um tanto a pessoa que é embaixador no local.

Mas eu ia falando de elefantes... Bem, o que eu queria dizer é que se alguém fôsse fazer antigamente um brasão, um escudo para Rabat, teria de pôr lá um elefante, como o animal mais típico da região; hoje, acho que seria a cegonha. Não que haja milhares; mas as que aparecem fazem tão boa figura que mereceriam a honra. No campo a gente às vezes vê uma andando pausada e gravemente ou planando a grande altura, muito alva, com as pontas das asas pretas; mas nas ruínas de Chella uma delas fez seu ninho no alto do minarete de seis séculos; e na entrada dos jardins da Udáia outra não apenas se instalou na torre mais alta como fica a se exhibir lá em cima, imóvel sôbre uma só pata, indiferente ao movimento de muçulmanos e cristãos cá embaixo, sobranceira e soberana como se quisesse virar estatua. Um amigo meu disse desconfiar que ela é paga pela Prefeitura ou pelo Ministério de Turismo para dar plantão ali, nas tardes de sol.

Sim, porque o Marrocos tem isso que nos falta: um Ministério de Turismo, para promover o turismo em escala nacional, para evitar que feitos ignorantes estraguem a beleza de cidadezinhas atraentes, como tem acontecido com tantos cantos do Brasil... Mas eu prometi escrever sôbre os passarinhos do meu quintal e acabei falando do Brasil, de Ministérios — desculpem tudo isso, e mais os elefantes, e até a semana que vem.

Radio ME 9.3.62

DN 18.7.67 - "A Traição"

M529

M561

DN 29.6.67

FLU, out. 72

"A Traição"